

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

Magridt Besen

Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!: uma análise do dístico de *Macunaíma*

Florianópolis

2022

Magridt Besen

Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!: uma análise do dístico de *Macunaíma*

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Besen, Magridt

Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são! :
uma análise do dístico de Macunaíma / Magridt Besen ;
orientador, Ricardo Gaiotto de Moraes, 2022.
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Mário de Andrade. 3. Macunaíma.
4. literatura brasileira. 5. crítica literária. I. Gaiotto
de Moraes, Ricardo. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação de Expressão
Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

ATA DA SESSÃO DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata da sessão de defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do(a) estudante Magridt Besen, realizada no dia 5 de dezembro de 2022, às 14 horas, na Sala 215 do bloco B do CCE.

1 Aos cinco dias de dezembro de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, na Sala 215 do bloco
2 B do CCE, reuniram-se a Banca Examinadora, designada pela Portaria n.º 31/2022/CGLLP/CCE,
3 de 17 de novembro de 2022, constituída pelos(as) membros: Ricardo Gaiotto de Moraes,
4 orientador(a) e presidente da sessão, Alexandre Nodari, membro titular, Sabrina Alvernaz
5 Silva Cabral, membro titular, e Paulo Henrique Pergher, suplente; e o(a) acadêmico(a) Magridt
6 Besen, regularmente matriculado(a) nesta instituição, sob o número 19250696, no curso de
7 Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, para a
8 realização da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Pouca saúde
9 e muita saúde, os males do Brasil são!: uma análise do díptico de Macunaíma”. Aberta a sessão,
10 coube ao(à) acadêmico(a) apresentar seu trabalho e, em seguida procedeu-se à arguição e à
11 avaliação, feitas nos termos do regulamento do TCC do curso. Concluída essa etapa, a Banca
12 Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do trabalho do(a) acadêmico(a), conferindo-
13 lhe nota final 10,0 (dez). O(a) acadêmico(a) foi notificado(a) que deverá realizar a submissão
14 da versão final do TCC, com as modificações sugeridas pela banca, no Repositório Institucional
15 da UFSC, conforme a Resolução Normativa n.º 126/2019/CUn, de 28 de maio de 2019, e as
16 orientações do manual de submissão da Biblioteca Universitária, em até 30 (trinta) dias após
17 a defesa. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, sendo lavrada a presente ata,
18 que segue assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) acadêmico(a).
19 Florianópolis, 5 de dezembro de 2022.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação de Expressão
Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

Ricardo Gaiotto de Moraes
Presidente e orientador(a)



Documento assinado digitalmente
Ricardo Gaiotto de Moraes
Data: 05/12/2022 15:05:46-0300
CPF: ***.710.228-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Alexandre Nodari
Membro titular



Documento assinado digitalmente
ALEXANDRE ANDRE NODARI
Data: 05/12/2022 15:47:47-0300
CPF: ***.893.189-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Sabrina Alvernaz Silva Cabral
Membro titular



Documento assinado digitalmente
SABRINA ALVERNAZ SILVA CABRAL
Data: 05/12/2022 15:32:06-0300
CPF: ***.622.797-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Paulo Henrique Pergher
Suplente



Documento assinado digitalmente
MAGRIDT BESEN
Data: 07/12/2022 10:08:21-0300
CPF: ***.425.389-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Magridt Besen
Acadêmico(a)

AGRADECIMENTOS

A Marta e Pedro, que me acolheram num dos momentos mais difíceis de minha vida. Ao meu esposo, companheiro, amigo, atento leitor de meus textos, Diego. Ao meu prezado orientador, paciente e sensato Ricardo Gaiotto de Moraes. Ao Alexandre Nodari, Sabrina Alvernaz e Paulo Henrique Pergher que aceitaram o convite para fazer parte da banca, e lerem este trabalho atentamente. Aos meus pais que me possibilitaram a vida. Aos bichanos presentes e aos que já partiram, que no olhar tão puro e presente despertam o melhor de mim e a certeza de uma consciência cósmica a qual faço parte. A toda natureza deslumbrante que vibra meu ser. A consciência da morte, que me possibilita o viver intensamente. Ao dom da linguagem e a poesia, que propiciam os devaneios mais belos.

“Não desejo que você simplesmente ‘entenda’ o que escrevo. Entender é um ato racional. O que eu desejo é que o meu texto seja comido antropofagicamente. Quero que você sinta o meu ‘gosto’.”

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho aborda o dístico “Pouca Saúde e Muita Saúva os Males do Brasil São” presente no livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade com primeira publicação em 1928. É investigada a origem dessas problemáticas, a pouca saúde e muita saúva, na historiografia, nos textos críticos e na rapsódia que desembocaram na frase patriótica do herói. Segundo os críticos (PROENÇA, 1978; LOPEZ, 1988; SOUZA, G. de M. e, 2003; SOUZA, E. M. de, 1999), a frase do herói é a junção de duas frases consagradas no popular brasileiro: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil” de Saint-Hilaire e “O Brasil é um imenso hospital” de Miguel Pereira.

Palavras-chave: Macunaíma; Mário de Andrade; crítica literária; modernismo; literatura brasileira.

ABSTRACT

The present work addresses the saying "Little 'Saúde' (health) and Much 'Saúva' (leaf-cutter ants) are the Evils of Brazil" present in the book *Macunaíma, the hero with no character*, by Mário de Andrade, first published in 1928. The origin of these problems, the little health and a lot of sauva, is investigated in the historiography, in the critical texts, and in the rhapsody that culminated in the patriotic phrase of the hero. According to critics (PROENÇA, 1978; LOPEZ, 1988; SOUZA, G. de M. e, 2003; SOUZA, E. M. de, 1999), the hero's phrase is the combination of two consecrated phrases in popular Brazilian culture: "Either Brazil ends with the sauva or the sauva ends with Brazil" by Saint-Hilaire and "Brazil is an immense hospital" by Miguel Pereira.

Keywords: Macunaíma; Mário de Andrade; literary criticism; modernism; Brazilian literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O contraste entre o trabalhador saudável e o opilado.	28
Figura 2 – A casa de Jeca Tatu.....	29
Figura 3 – O problema nacional.....	30
Figura 4 – Trecho de <i>Historia Naturalis Brasiliae</i>	36
Figura 5 – Código de Postura do Rio de Janeiro (1894).	38
Figura 6 – Anúncio de formicida I.	39
Figura 7 – Anúncio de formicida II.....	39
Figura 8 – Anúncio de formicida III.	39
Figura 9 – Anúncio de formicida IV.	40
Figura 10 – Demonstrações públicas.	41
Figura 11 – Campanha nacional contra a saúva.....	42
Figura 12 – Campanha nacional contra a saúva II.	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O ENREDO	13
1.2	O DÍSTICO.....	14
2	POUCA SAÚDE	18
2.1	A CIDADE E AS DOENÇAS.....	19
2.2	O DISCURSO MÉDICO-HIGIENISTA.....	24
3	MUITA SAÚVA.....	31
3.1	O PAÍS DAS FORMIGAS	34
3.2	AS SAÚVAS ENTRE O SÉCULO XIX E XX	37
4	OS MALES DO BRASIL SÃO.....	44
5	CONCLUSÃO.....	46
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Escrito em dezembro de 1926 e publicado em 1928, *Macunaíma*, esse “brinquedo”¹ de Andrade, tem bastante espaço na crítica literária brasileira: muito já foi escrito sobre ele, e muito continua sendo escrito (como este trabalho). Como qualquer brincadeira, aconteceu por diversão através de jogos ficcionais dos estudos do autor de *Macunaíma*²: o livro “não passou dum jeito pensativo e gozado de descansar umas férias” (ANDRADE, 2019, p.190).

A escrita de Mário de Andrade surpreende pela complexidade e riqueza da obra, fruto da genialidade inquestionável do escritor. A imaginação e a habilidade intelectual criaram uma orquestração de diversos temas: histórias regionais, folclore, lendas indígenas, estudos antropológicos, provérbios, linguagens regionais e religiões. Diante da livre apropriação de textos, Andrade certamente esperava que acusações de plágio viessem à tona. E ele, ironicamente, responde em uma Carta Aberta à Raimundo de Moraes:

Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Gruenberg, quando copiei todos. E até o sr. na cena da Boiúna. Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mais ainda, na Carta pras icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. (...)

Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil, ao menos naquela parte em que me interessava satirizar o Brasil por meio dele mesmo. Mas nem a ideia de satirizar é minha pois já vem desde Gregório de Matos, puxa vida! Só me resta pois o acaso dos Cabrais que por terem em provável acaso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertenceu a Portugal. Meu nome está na capa do Macunaíma e ninguém o poderá tirar. Mas só por isso apenas o Macunaíma é meu. (ANDRADE, 2019, p.196)

A mesclagem é tão bem costurada, que rendeu muito esforço de críticos para desembrenhar as diferentes origens de *Macunaíma*. Mas a novidade está precisamente aí, no arranjo de tantas melodias do popular, criando uma composição por justaposição de diferentes unidades temáticas.

¹No primeiro prefácio o autor declara: “É um livro de férias escrito no meio de mangas abacaxis e cigarras de Araraquara, um brinquedo.” (ANDRADE, 2019, p.185). E no segundo prefácio (não publicado), sustenta o processo de escrita “Este livro de pura brincadeira escrito na primeira redação em seis dias ininterruptos de rede, cigarros e cigarras na chakra de Pio Lourenço perto do ninho da luz que é Araraquara, afinal resolvi dar sem mais preocupação.” (Ibid, p.189).

²“Fantasiei quando queria e sobretudo quando carecia pra que a invenção permanecesse arte e não documentação seca de estudo.” (Ibid, p.189)

Este processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos entrecchos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade. (SOUZA, 2003, p.10)

Este processo de composição, denominado por Gilda de Mello e Souza (2003) como *bricolage*, é um dos traços mais instigantes de *Macunaíma*:

No Brasil, talvez *Macunaíma*, de Mário de Andrade, cujo protagonista foi apropriado do texto do etnólogo alemão Koch-Grümberg, que, por sua vez, se apropriou da narrativa de Akuli Taurepang, tenha sido a produção mais emblemática no que se refere à escrita a partir da reverberação de leituras de outros textos. (DUARTE; VALLE NETO; GAIOTTO DE MORAES, 2010, p.2)

A descrição desse processo pode ser observada nas próprias palavras de Mário de Andrade, ao reconhecer o feito como rapsódia:

O sr., muito melhor do que eu, sabe o que são os rapsodos de todos os tempos. Sabe que os cantadores nordestinos, que são nossos rapsodos atuais, se servem dos mesmos processos dos cantadores da mais histórica antiguidade, da Índia, do Egito, da Palestina, da Grécia, transportam integral e primariamente tudo o que escutam e lêem pros seus poemas, se limitando a escolher entre o lido e o escutado e a dar ritmo ao que escolhem pra que caiba nas cantorias. (ANDRADE, 2019, p.195)

Macunaíma é, portanto, a ressonância polifônica das mais diversas investigações de Andrade e, portanto, um manancial para os estudos críticos literários. Diante dos vários rumos que esse mundo rapsódico possibilita comentar, escolhi o dístico “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!”. O dístico, como o livro no todo, é uma manifestação desse processo de escrita explicado resumidamente acima. Portanto, o leitor poderá acompanhar uma análise atenta na sequência do dístico, compreender as hipóteses das origens das unidades que se transformaram na frase patriótica do herói e conhecer o processo de escrita de *Macunaíma*.

De tantos assuntos possíveis de serem abordados e de tantos outros que já foram tão bem escritos, ainda há e sempre haverá algo para dizer sobre *o herói de nossa gente*. Isso porque “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” (CALVINO, 2007, p.11). Depois de quase um centenário de sua publicação, o livro continua surpreendendo os críticos, com lugar de destaque na literatura modernista brasileira. Mas o melhor mesmo é que o nosso herói é muito divertido: ele sempre faz rir demais. Relembremos as aventuras cômicas do nosso herói.

1.1 O ENREDO

Macunaíma, herói de nossa gente, nasceu negro na tribo tapanhumas. O pai do menino não é mencionado. Com o herói vivem sua mãe e seus irmãos: Jiguê “na força do homem” (ANDRADE, 1988, p.6) e Maanape, o mais velho e feiticeiro. Macunaíma, quando pequeno, demorou a falar, mas não para ter interesses sexuais com as companheiras de seu irmão Jiguê. A primeira expressão do menino foi: “Ai! que preguiça!...”. Ele gostava de passar o tempo decepando saúvas e observando os outros trabalharem. Este primeiro capítulo é apresentação do herói, preguiçoso e interessado em brincar (palavra usada para substituir o ato sexual).

No próximo capítulo (MAIORIDADE), a fome tomou a tribo. Macunaíma mente para os irmãos afirmando que tinha visto timbó (planta para pesca) e muitos peixes no rio “muita piaba muito jeju muito mantrichão e jatuaranas, todos esses peixes do rio” (ANDRADE, 1988, p.15). Era tudo armação do herói. No dia seguinte, todos ainda padeciam de fome. Então o herói pede para sua mãe fechar os olhos, a transporta para o outro lado do rio, e “Quando a velha abriu os olhos estava lá e tinha caça peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais.” (ANDRADE, 1988, p.16). Quando Macunaíma percebeu que a mãe estava juntando comida para levar para os manos, ele desfez o feitiço. A velha, irritada, larga o menino longe da maloca. O herói encontra Currupira e, ao se dar conta que o monstro queria devorá-lo, corre desesperado até encontrar a cotia. A cotia banha o menino com caldo de aipim, apenas a cabeça não molha. Então o herói se torna homem, mas a cabeça continua “com carinha enjoativa de piá” (ANDRADE, 1988, p.19). Ao retornar para a maloca, Macunaíma conta um sonho para sua mãe que prenunciava uma morte. No dia seguinte, a velha morre.

O terceiro capítulo (CI, MÃE DO MATO) é a conquista de Macunaíma como o novo Imperador do Mato-Virgem após brincar com Ci, Mãe do Mato. Os dois vivem em muitas brincadeiras e “Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado” (ANDRADE, 1988, p.26). Até que uma noite a Cobra Preta bebe do leite de Ci e sucede que o menino, quando “chupo o peito da mãe (...) deu um suspiro envenenado e morreu” (ANDRADE, 1988, p.27). Ci entrega para Macunaíma “uma muiraquitã famosa” e sobe para o céu em forma de estrela.

No capítulo IV (BOIÚNA LUNA) Macunaíma se comove com o relato de Naipi e diz querer matar Capei. Enquanto foge da cabeça de Capei, ele perde a muiraquitã. O passarinho uirapuru informa o herói que a muiraquitã estava em São Paulo com Venceslau Pietro Pietra. No capítulo seguinte (PIAIMÃ) o herói deixa sua consciência na ilha de Marapatá, banha-se numa água encantada que o deixa louro, branco e de olhos azuis. Então ele e o manos vão para São Paulo resgatar a muiraquitã. Depois de muita aventura, no capítulo XIV (MUIRAQUITÃ) o herói consegue matar Venceslau Pietro Pietra e retomar seu amuleto. Macunaíma e seus manos voltam para mata. Jiguê cai num feitiço de Macunaíma e vira numa sombra leprosa, que engole Maanape. Macunaíma, agora sozinho, encontrou a companhia de um papagaio e passava o tempo contando os seus feitos. Até que um dia, Macunaíma é encantado por Uiara, que o devora. O nosso herói está no céu, é a constelação da Ursa Maior.

1.2 O DÍSTICO

Os trechos em que o herói pronuncia o seu lema brasileiro possuem variações, como bem notou Eneida Maria de Souza (1999). Segue a transcrição dos trechos para o leitor acompanhar a matização contextual e gráfica do dístico.

a) Capítulo VIII (VEI, A SOL):

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene:

— POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!

Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continência diante da imagem de Santo Antônio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhas por aí. (ANDRADE, 1988, p.69)

b) Capítulo IX (Carta pras Icamiabas):

Por isso e para eterna lembrança destes paulistas, que são a única gente útil do país, e por isso chamados de Locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça:

“POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA,
OS MALES DO BRASIL SÃO.”

Este dístico é que houvemos por bem escrevermos no livro de Visitantes Ilustres do Instituto Butantã, quando foi da nossa visita a esse estabelecimento famoso na Europa. (ANDRADE, 1988, p.82-83)

c) Capítulo X (PAUÍ-PÓDOLE):

O feiticeiro nem não pôde sair mais do corpo de Mengue, do susto que pegou. E ficou mais essa praga da formiguinha lavapés pra nós... Gente!
 “Pouca saúde e muita saúva,
 Os males do Brasil são!”
 Já falei... No outro dia Pauí-Pódole quis ir morar no céu pra não padecer mais com as formigas da nossa terra, fez. (ANDRADE, 1988, p.92)

d) Capítulo XII (TEQUETEQUE, CHUPINZÃO E A INJUSTIÇA DOS HOMENS):

Todos os comerciantes e aquele despropósito de máquinas passavam rentinho do herói grugunzando sobre a injustiça dos homens. Macunaíma já estava disposto a mudar o dístico pra: “Pouca saúde e muitos pintores os males do Brasil são” quando escutou um “Ihiih!” chorando atrás. Virou e viu no chão um ticotico e um chupim. (ANDRADE, 1988, p.115)

e) Capítulo XV (A PACUERA DE OIBÊ):

Quando atravessaram o pico do Jaraguá Macunaíma virou pra trás contemplando a cidade macota de São Paulo. Maginou sorumbático muito tempo e no fim sacudiu a cabeça murmurando:
 — Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são...
 Enxugou a lágrima, consertou o beicinho tremendo. Então fez um caborge: sacudiu os braços no ar e virou a taba gigante num bicho preguiça todinho de pedra. Partiram. (ANDRADE, 1988, p.136)

f) Capítulo XVII (URSA MAIOR):

— Ah... que preguiça!...
 — Pouca saúde e muita saúva,
 Os males do Brasil são!...
 Macunaíma dava uma grande gargalhada e coçava a cabeça cheia de pixilinga que é piolho-de-galinha. Então o papagaio repetia o caso aprendido na véspera e Macunaíma se orgulhava de tantas glórias passadas. (ANDRADE, 1988, p.159)

Podemos perceber que o emblema aparece graficamente e contextualmente com alterações, como a reapresentação de um tema musical com modulações numa rapsódia. Ele tem seu auge na exposição às Cartas pras Icamiabas (capítulo IX), quando o herói usa a primeira pessoal no plural para ditá-lo, além de atribuir um grande empenho para a construção

na métrica do dístico, o qual sabemos que não aconteceu, ela relampejou subitamente na mente do herói no capítulo anterior.

Daí em diante o tom vigoroso e animado vai se atenuando para uma frase repetida, como um provérbio popular. Há ainda alguns outros momentos que a imagem do dístico se revela como manifestações de outras personagens e situações:

a) Capítulo VII (MACUMBA):

Um fazendeiro pediu pra não ter mais saúva nem maleita no sítio dele e Exu se riu falando que isso não consentia não. (ANDRADE, 1988, p.62)

b) Capítulo XVI (URARICOERA):

Estava na Paraíba e tão sem vontade de chispar que parou. Era por causa do herói estar impaludado. Perto havia uns trabalhadores destruindo formigueiros para construir um açude. (ANDRADE, 1988, p.154)

c) Capítulo XVII (URSA MAIOR):

A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu. (ANDRADE, 1988, p.166)

Nas “Notas para a tradução”, Mário de Andrade destaca a importância do dístico: “Esta frase é muito importante na significação satírica do livro e está criada ritmicamente à maneira dum provérbio.” (ANDRADE *Apud* LOPEZ, 1974, p.111). Haroldo de Campos (1973) percebe o trocadilho entre a alternância dos sons: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!” (grifo meu):

Notar a configuração paronomástica, com a repetição das figuras fônicas SAÚ... SAÚ... SÃO e o reforço aliterativo-coliterativo em /s/ e /z/, típica de mensagens dessa natureza, que põem a “função poética” da linguagem a serviço das técnicas de persuasão. (CAMPOS, 1973, p.187)

Assim, os dizeres em alto e bom tom do herói, com a energia discursiva de um patriota, que vai se esmorecendo no decorrer da narrativa, possui uma entonação rítmica própria.

2 POUCA SAÚDE

“Entre nós está rompido esse equilíbrio por influxo do estado da doença que enerva a população. O que goza de saúde empolga, monta e suga o doente.

Aparasita-se.

Se o parasitado é dócil à sucção, por que poupar-lhe o sangue?

Foi esta resignada atitude da montaria que deu asas ao parasitismo político, a ponto de, hoje, fazer conta à casta que se goza da República a permanência da mazela popular.”

(LOBATO, 2010, p.52-53)

Segundo a definição de Sigerist³, “A doença não é mais do que a soma total de reações anormais do organismo ou de suas partes a estímulos anormais”⁴ (1945, p.1, tradução minha). Os corpos constituem um núcleo social, portanto, um povo saudável dá poder a comunidade. A doença, como nós presenciamos recentemente na pandemia do coronavírus, desqualifica o âmbito social e econômico.

Desde que a doença sempre ocorreu, todas as instituições humanas foram afetadas por ela e tiveram que lidar com isso de uma maneira ou de outra. A lei, procurando regular as relações entre homens e homens e entre homens e coisas, foi obrigada a levar em conta o doente. Sem abordar os problemas colocados pela doença e pelo sofrimento, a religião e a filosofia não poderiam explicar o mundo, nem a literatura e a arte poderiam recriá-lo adequadamente. E a conquista da doença sempre foi uma parte importante da tentativa de dominar a natureza através da ciência. (SIGERIST, 1945, p.2)⁵

³ Henry Ernest Sigerist (1881, França – 1957, Suíça): filólogo e historiador das medicinas. A escolha deste autor foi por ele ser o pioneiro a tratar de políticas médicas. Foi ele que introduziu o termo “promoção da saúde”.

⁴ “Disease is no more than the sum total of abnormal reactions of the organism or its parts to abnormal stimuli”

⁵ “Since disease has occurred at all times, all human institutions have been affected by it and have had to reckon with it in one way or another. The law, endeavoring to regulate relations between men and men and between men and things, was forced to take the sick man into account. Without approaching the problems set by disease and suffering, religion and philosophy could not explain the world, nor could literature and art have adequately recreated it. And the conquest of disease was always an important part of the attempt to master nature through science.”

A Covid-19 transformou nossas vidas e nos mostrou uma realidade drástica. Sentimos na pele, na alma e no bolso o poder devastador que a doença pode fazer, e fez no Brasil e no mundo.

Nos textos críticos sobre Macunaíma, quando se trata da primeira parte do dístico estabelece-se relação com o discurso médico-higienista do início do século XX, sobretudo com a frase do médico Miguel Pereira ao se referir ao país como “um imenso hospital” (como em PROENÇA, 1978, p.23⁶; SOUSA, E. M. de, 1999, p.104; SOUZA, G. de M. e, 2003, p.52). Mas, apesar dessa estreita relação (e, por isso, mais atenção por parte dos críticos), há outra relação também presente: a contaminação e consequente aumento de índice de mortalidade entre os indígenas a partir do convívio com os cidadãos. Proença, no seu minucioso livro *Roteiro de Macunaíma* (1955), percebe que “são doenças que (Macunaíma) apanha na cidade, que não tinha lá no mato.” (1978, p.23). Contudo, não desenvolve a relação entre os indígenas e a transmissão de doenças no meio urbano. Já que pouco se discorreu sobre esse aspecto, decidi abrir este capítulo atentando-me neste ponto.

2.1 A CIDADE E AS DOENÇAS

No enredo da rapsódia, Macunaíma conhecia a saúva desde pequeno: enquanto observava os seus irmãos trabalhando e se espreguiçava, ele passava o tempo decepando saúvas. Mas a doença ele viria a conhecer na cidade.

Os contratempos que a tribo tapanhumas padecia na mata eram de fome, dos perigos das manifestações de entidades lendárias e das travessuras do próprio herói. Fora isso, quando levou uma surra de seu mano Jiguê com um rabo-de-tatu por ter brincado com a cunhada Sofará, “Macunaíma correu até a capoeira, mastigou raiz de cardeiro e voltou são.” (ANDRADE, 1988, p.13). Ou seja, para o mal conhecido que aconteceu no espaço da floresta, ali também se encontrou o auxílio.

Num outro momento, depois de ser largado pela sua mãe no Cafundó do Judas como castigo, teve que fugir do Currupira. Ao retornar para aldeia, ele reencontra a sua mãe e lhe conta que sonhou que o dente caiu: “Isso é morte de parente, comentou a velha” (ANDRADE,

⁶ Curiosamente, neste trecho, Proença alterna o dístico: “E porque o dístico é ‘Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são’ (...)” (grifo do autor).

1988, p.19). Após uma caça fácil por uma viada que tinha recém parido, Macunaíma descobre que matou a própria mãe por engano. Anhangá⁷ ludibriou o herói.

A próxima morte também é antecipada por um presságio, desta vez pelo “regougo agourento” (ANDRADE, 1988, p.27) da coruja jurucutu. Macunaíma, ao ouvir o som gutural, prova mais uma vez seu heroísmo cômico: pôs a beber pajuari⁸ e dormir noite adentro. Sucedeu que a Cobra Preta⁹ bebeu todo o leite de sua amada Ci e o recém-nascido, ao mamar no peito da mãe, morre envenenado. Ci entrega a muiraquitã ao companheiro e sobe aos céus em forma de estrela.

No enredo, a primeira vez que Macunaíma adoeceu foi na cidade, quando “resolveu ir brincar com a Máquina pra ser também imperador dos filhos da mandioca” (ANDRADE, 1988, p.40). Então foi para a pensão “com a boca cheia de sapinhos por causa daquela primeira noite de amor paulistano” (ANDRADE, 1988, p.41). A chegada do herói no meio urbano é selada pela despedida “da papagaiada imperial” (ANDRADE, 1988, p.39), pela desvalorização do cacau, pelo pasmo da maquinaria, da tecnologia e pela doença, o primeiro mal do dístico.

A cidade de São Paulo deixou o herói transtornado. No mato, ele recebia honras por onde passava, na cidade, as palmeiras traziam no “curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos” (ANDRADE, 1988, p.39) e a primeira noite de brincadeira custou-lhe quatrocentos bagarotes e sapinhos na boca ao invés do título de imperador. Macunaíma ficou perplexo: as coisas e valores na cidade eram diferentes dos da mata. O Imperador do Mato-Virgem não pertencia ao império dos filhos da mandioca: ele estava deslocado e doente: “Gemia com as dores e não havia meios de sarar (...)” (ANDRADE, 1988, p.41). A partir daí foi muita aventura e doença.

Assim, as enfermidades aparecem a partir do Capítulo V (PIAIMÃ), quando o herói inicia a saga para a cidade e contrai sapinho. Depois do sapinho, no capítulo XI (A VELHA CEIUCI), Macunaíma acorda constipado:

⁷ “Deus do campo, protetor da caça, entre os tupis” (PROENÇA, 1978, p.242).

⁸ “Bebida excitante, usada pelos indígenas, obtida pela fermentação de beijos de farinha ou da própria mandioca ralada e cozida em papa”. (ANDRADE, 1988, p.456)

⁹ A história da cobra que rouba o leite eu ouvi várias vezes de meu avô Ailito. Ele contava que alguns dias pela manhã, quando ia tirar o leite das vacas, estava seco. O seu patrão sugeriu que um dia ele acordasse mais cedo para espiar se a cobra estava “chupando as tetas das vacas”. Assim ele fez e deparou-se com a cobra mamando nas vacas. Ele deu fim na serpente e as vacas voltaram a dar leite. Ele jurou o acontecido e eu que não vou duvidar. A minha avó também conta que quando estava amamentando, tinha sempre que estar atenta ao dormir, pois uma cobra podia vir roubar o leite das crianças.

No outro dia o herói acordou muito constipado. Era porque apesar do calorão da noite ele dormira de roupa com medo da Caruviana que pega indivíduo nu. Mas estava muito ganjento com o sucesso do discurso da véspera. Esperou impaciente os quinze dias da doença resolvido a contar mais casos pro povo. (ANDRADE, 1988, p.94)

No capítulo seguinte (TEQUETE, CHUPINZÃO E A INJUSTIÇA DOS HOMENS) Macunaíma padeceu de raiva:

No outro dia amanheceu fazendo um calorão temível e Macunaíma suava que mais suava dum lado pra outro enraivecido com a injustiça do Governo. Quis sair para espaiar porém aquela roupa tanta aumentando o calor... Teve mais raiva. Teve raiva por demais e maliciou que ia ficar com o butecaiana que é doença da raiva. (ANDRADE, 1988, p.114)

Na abertura do capítulo XIII (A PIOLHENTA DO JIGUÊ) é a vez do herói ter erisipela:

No outro dia por causa da machucadura Macunaíma amanheceu com uma grosseira pelo corpo todo. Foram ver e era erisipa, doença comprida. Os manos trataram dele bem e traziam diariamente pra casa todos esses remédios erisipela que os vizinhos e conhecidos, todos esses brasileiros aconselhavam. O herói passou uma semana de cama. De-noite sonhava sempre com embarcações e a dona da pensão quando vinha de-manhã por amor de saber como ia o herói dizia sempre que embarcação significava na certa viagem por mar. Depois saía deixando sobre a cama do enfermo o Estado de São Paulo. E o Estado de São Paulo era um jornal. Então Macunaíma gastava o dia lendo todos esses anúncios de remédios para erisipa. E eram muitos anúncios! (ANDRADE, 1988, p.119)

Quando Venceslau Pietro Pietra morre no cozimento do seu próprio macarrão, Macunaíma resgata a sua tão querida muiraquitã. A missão na cidade estava cumprida e, portanto, os três manos retornam ao lugar de suas origens. Mas o herói estava maculado pela cidade. Quando foi ao rio Negro reaver sua consciência (que ele havia deixado na ilha de Marapatá antes de ir para São Paulo) não a encontra. Ora, ele não poderia ter a mesma consciência depois da experiência da cidade. Macunaíma nasceu no fundo do mato-virgem e este espaço se contrapõe ao urbano. Desse modo, para não ficar sem uma consciência, “pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma” (ANDRADE, 1988, p.148).

Nesse ponto o protagonista não tem mais a consciência indígena e levava consigo o “revólver Smith-Wesson o relógio Patek e o casal de galinha Legorne” (ANDRADE, 1988, p.136), coisas que não pertencem à mata: “a cidade pétrea deixou suas marcas no herói”

(BERRIEL, 1990, p.153). Mas havia mais uma coisa que Macunaíma carregava sem saber: a doença.

No outro dia Macunaíma amanheceu com muita tosse e uma febrinha sem parada. Maanape desconfiou e foi fazer um cozimento de broto de abacate, imaginando que o herói estava hético. Em vez era impaludismo, e a tosse viera só por causa da laringite que toda a gente carrega de São Paulo. Macunaíma passava as horas deitado de borco na proa da igarité e nunca mais havia de sarar. (ANDRADE, 1988, p.147)

Como a doença provinha de São Paulo, o cozimento de broto de abacate, ou seja, as plantas da floresta, não poderiam remediar. O fim dos manos também foi marcado pela doença. Jiguê também desesperadamente recorreu às ervas, mas em vão:

Jiguê correu pro matinho e bem que mastigou e engoliu maniveira, não valeu de nada. Então foi buscar uma cabeça de anhuma que fora encostada em picada de cobra. Pôs a mão. Não valeu de nada. Veneno virou numa ferida leprosa e principiou comendo Jiguê. (...) Só ficou a sombra de Jiguê. (ANDRADE, 1988, p.152)

A sombra leprosa engole o irmão mais velho, que já “se arrastava molengo porque barbeiro chupara sangue dele e Maanape estava opilado” (ANDRADE, 1988, p.153), e a princesa¹⁰ que “estava doente de zamparina” (ANDRADE, 1988, p.153). Macunaíma, sabendo que ia morrer por causa da sombra leprosa, decide contaminar as formigas em sua volta para não morrer sozinho.

O leitor, através das observações e trechos assinalados acima, deve perceber que no texto, o narrador parece fazer referência à vulnerabilidade imunitária dos povos originários. Durante a colonização muitas tribos indígenas foram castigadas pelas doenças. O etnocídio pelos agentes patogênicos foi imensuravelmente mais catastrófico do que o coronavírus atual:

As doenças representaram sempre o primeiro fator da diminuição das populações indígenas. A história das nossas relações com os índios é, em grande parte, uma crônica de chacinas e sobretudo, de epidemias. Cada grupo indígena que se aproximou de núcleos europeus e de seus descendentes, nestes quatro séculos, teve que pagar alto tributo em vida às doenças que a civilização lhe trouxe. É conhecido o caso das missões jesuíticas na Bahia, que em poucos anos viram reduzidos os seus catecúmenos de quarenta mil para dois mil índios, em virtude de diversos fatores, mas sobretudo das epidemias de varíola. (RIBEIRO, 1986, p.208)

¹⁰ Trata-se de Iriqui, foi uma das companheiras de Jiguê que Macunaíma tomou para si no segundo capítulo.

O contato com os europeus trouxe contaminações que a floresta e o pajé não davam conta de remediar, como aconteceu com Macunaíma e seus manos. Segundo os discursos dos médicos-higienistas que veremos a seguir, uma nação precisa de um povo saudável e as enfermidades são um problema público que dificulta o progresso. Mas para os indígenas significava antes a morte de muitos de seus familiares e a impotência do pajé no confronto desses males que “provocaram no Novo Mundo o que Dobyns chamou de ‘um dos maiores cataclismos biológicos do mundo’.” (CUNHA, 1992, p.12-13).

Como referência histórica da saúde que prevalecia nos indígenas antes do contato com os europeus na história do Brasil, que no enredo da rapsódia estou relacionando com o contato de Macunaíma que nasceu no “fundo do mato virgem” com a cidade, verifiquei os relatos nas primeiras cartas sobre o Brasil. Neste trecho o padre jesuíta Manuel de Nóbrega¹¹ atesta ao Padre Simão Rodrigues, numa carta datada em 1550, a longevidade e saúde dos indígenas:

Esta terra, como já escrevi a Vossa Reverendíssima, é muito sã para habitar-se e assim averiguamos, que me parece a melhor que se possa achar, pois que desde que aqui estamos nunca ouvi dizer que morresse alguém de febre, mas somente de velhice (...) Todas as comidas são muito difíceis de desgastar, mas Deus remediou a isto com uma herva cujo fumo muito ajuda á digestão e a outros males corporaes e a purgar a fleuma do estomago. (NÓBREGA, 1931, p.111-112)

Tanto a mãe de Macunaíma quanto o irmão Maanape estavam na velhice. E os remédios estavam na própria natureza. Depois da chegada dos jesuítas e dos colonizadores, as epidemias surgiram: “veiu doença como peste, que fez cruel estrago” (FRANCO, 1931, p.44). O próprio padre Manuel de Nóbrega percebeu a relação entre o batismo e a enfermidade:

Uma coisa nos acontecia que muito nos maravilhava a princípio foi que quase todos os que batizamos caíram doentes, quais do ventre, quais dos olhos, quais de apostema, e tiveram ocasião os seus feiticeiros de dizer que lhes dávamos a doença com a água do batismo e com a doutrina a morte. (NÓBREGA, 1931, p.138)

Na concepção cristã da época, o desencadeamento das doenças nos batizados provinha da inveja do demônio em perder aquelas almas pagãs para o sacramento do batismo, o primeiro ritual de iniciação do cristão.

¹¹ Manuel da Nóbrega (1517-1570): foi um padre jesuíta que liderou a primeira missão jesuítica no Brasil.

Invejoso o demônio, meteu em os baptisados taes enfermidades que pareciam peste. Logo os outros começaram a dizer que aquillo lhes viera de se deixarem molhar do Padre e que havia de durar muitos annos e que todos haviam de morrer; que o remédio estava em fugirem dos Padres. (FRANCO, 1886, p.35)

Os pajés, figuras estimadas no xamanismo, orientavam a tribo a fugir dos jesuítas, pois esses traziam as doenças. Ora, eles estavam certos: de acordo com os historiadores como Darcy Ribeiro (1968), citado acima, e John Hemming, o convívio com os europeus trouxeram epidemias que mataram grandes populações indígenas:

A conquista colonial do Brasil foi na maioria das vezes brutal. Mas o objetivo final tanto dos colonizadores quanto dos missionários era dominar os indígenas, e não destruí-los. Os colonizadores queriam escravizá-los e os missionários queriam convertê-los. Foi a doença que aniquilou os indígenas. (HEMMING, 1978, p.6, tradução minha)¹²

Só que não era a água em si do batismo e nem a doutrina cristã, mas o contato com os microorganismos trazidos pelos colonizadores.

2.2 O DISCURSO MÉDICO-HIGIENISTA

Foi no início do século XX que uma preocupação médica-sanitária envolveu os intelectuais brasileiros, sobretudo nos debates a respeito da consciência de nação e progresso. Foi também nessa época que Mário de Andrade escreveu a rapsódia. A imagem revelada pelos sanitaristas do Brasil-doente ecoou fortemente nas discussões sobre nacionalidade: as metrópoles tomaram conhecimento do modo de vida das zonas rurais graças aos relatos das expedições científicas.

O discurso de Miguel Pereira é referenciado como um impulso à campanha higienista (LIMA & HOCHMAN, 2004; SÁ, 2009). O impacto da descrição do Brasil como um “imenso hospital” foi um passo emblemático para os momentos seguintes das políticas públicas de saúde. Cronologicamente, são assinalados pelos críticos (SANTOS, 1985; LIMA & HOCHMAN, 2004; SÁ, 2009; PONTE *et al.* 2010) os seguintes momentos determinantes para a mobilização sociopolítica sobre o modo de vida dos brasileiros além das grandes capitais:

¹² “The colonial conquest of Brazil was often brutal. But the ultimate objective of both colonists and missionaries was to subdue rather than to destroy the Indians. The colonists wanted Indian labour, and- the missionaries wanted converts. It was disease that annihilated the Indians.”

- a) A publicação de *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha: o autor, ao descrever a Guerra dos Canudos, revela um espaço hostil e um povo à mercê da sorte. Os sertões, afastados dos centros econômico-políticos da república, mas ainda delimitados como território brasileiro, sobreviviam a sua maneira. Ao descrever a região, a comunidade e o homem, Euclides da Cunha revela o *outro* brasileiro desconhecido. Os relatos incitaram questionamentos sobre a colossal dissonância da pátria, a qual a uniformidade estava deformada. Apesar de não ser uma obra instituidora do movimento sanitarista, *Os sertões* foi, sem dúvida, importante para aguçar a preocupação dos intelectuais sobre a unidade de nação.
- b) A publicação em 1916 do relatório Neiva-Penna: O cientista Arthur Neiva e o médico Belisário Penna viajaram em 1912 pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e Goiás. Publicado pelo instituto Oswaldo Cruz, o relatório descreve a fauna, a flora, o clima e as comunidades. Aquela gente é descrita como vivendo sob condições precárias, infestadas de carrapatos e moscas, doente e analfabeta.
- c) O discurso de Miguel Pereira em 1916 e sua repercussão nacional.
- d) As publicações de Belisário Penna no Jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro entre 1916 e 1917. Os artigos foram agrupados e publicados em 1918 sob o título *Saneamento do Brasil: sanear o Brasil é povoá-lo; é enriquecê-lo; é moralizá-lo*.
- e) A criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil em 1918.

O movimento sanitário propunha uma nova reflexão sobre um déficit da construção de nacionalidade do Brasil: não era o determinismo geobiológico¹³, a raça mestiça “inferior” do brasileiro, o responsável pelo subdesenvolvimento cultural-econômico do país, mas a negligência das autoridades políticas com a própria gente do Brasil.

Raro o individuo que sabe o que é Brazil. Piauhí é uma terra. Ceará outra terra. Pernambuco outra e assim os demais Estados. O governo, é para esses párias um homem que manda na gente e a existência desse governo conhecem-na porque *esse homem* manda todos os anos cobrar-lhes os dizimos (impostos). Perguntados se essas terras (Piauhí, Ceará, Pernambuco etc.) não estão ligados entre si, constituindo uma nação um paiz, dizem que não entendem disso. Nós éramos para eles *gringos, lordaços* (estranheiros fidalgos). A única bandeira que conhecem é a do Divino. O analfabetismo é geral e abranje mais de 80% da população. (NEIVA & PENNA, 1916, p.191, grifo dos autores)

¹³ Em suma, o determinismo biológico trata-se de uma corrente do século XIX que justificava a subalternidade do Brasil em relação à Europa através de teorias raciais.

A constituição da nação estava rasurada pela discrepância entre a capital-interior, urbano-rural, saúde-doença e educação-ignorância. A falta da ideia de pertencimento a uma nação maior chamada Brasil é atestada pelos médicos pelo desconhecimento da bandeira nacional. Se “A Bandeira e o Hino, o Brasão de Armas e o Selo Nacional são as mais legítimas manifestações simbólicas de nossa nacionalidade.” (LUZ, 2005, p. 14), aqueles povoados não se reconheciam como compatriotas de Arthur Neiva e Belisário Penna. Lembramos que a primeira vez que Macunaíma pronuncia o dístico foi reconhecendo a pátria, fazendo o gesto de continência. Mas também não podemos esquecer que a grande atração do herói pelo sufragante foi, antes de tudo e como de costume, a vontade de brincar com as lindas “cunhãs” que passavam por ali.

No mesmo ano da publicação do relatório Neiva-Penna, aconteceu o discurso de Miguel Pereira. No dia seguinte, 11 de outubro de 1916, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, então capital do país, publicou o discurso sob o título “Discurso de Miguel Pereira para Aloysio de Castro – a manifestação dos acadêmicos ao Professor Aloysio de Castro”.

Antes de fazer menção ao “imenso hospital”, o médico discorre sobre o serviço militar obrigatório que estava em discussão no momento:

O exercito, a força armada de uma nação, a nação em armas é a unidade nacional e dessa unidade, uma e indivisa, desentranhar uma dualidade é operação de que só nos manicômios se teriam as provas. Não será o exercito o que não fôr homogêneo; na luta pela Patria todos se acamaradam e emparceiram como diante da morte, que essa luta tantas vezes preludia, todos se nivelam na terra profunda.

E bem que se organisem milicias, que se armem legiões, que se cerrem fileiras em torno da bandeira, mas melhor seria que se não esquecessem nesse paroxismo do enthusiamos que, fóra do Rio ou de S. Paulo, capitaes mais ou menos saneadas, e de algumas outras cidades em que a providencia superintende a hygiene o Brasil é ainda um immenso hospital

Num impressionante arroubo de oratória já perorou na Camara illustre parlamentar que, se fosse mistér, iria elle, de montanha em montanha, despertar os caboclos desses sertões. Em chegando a tal extremo de zelo patriotico uma grande decepção acolheria sua generosa e nobre iniciativa. Parte, e parte ponderavel, dessa brava gente não se levantaria: invalidos, exangues, esgotados, pela ankylostomiase e pela malaria; estropiados e arrasados pela molestia de Chagas; corroidos pela syphilis e pela lepra, devastados pelo alcoolismo, chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem letras ou não poderiam estes tristes deslembados se erguer da sua modorra ao appello tonitroante de trombeta guerreira, écoando de quebrada em quebrada ou quando, como espectros, se levantassem, não poderiam comprehender porque a Patria, que lhes negou a esmola do alfabeto, lhes pedia agora a vida e nas mãos lhes punha antes do livro redemptor, a arma defensiva. (...) É isso sem exagero a nossa população do interior. Uma legião de doentes e de imprestaveis. Quaes os soldados que o orador iria equipar? Os dos seu Estado natal? Mas foi exactamente/ ahí que o descobrimento genial de Chagas, numa zona que se alonga e se dilata por centenas de kilometros quadrados, revelou o paiz, sem nenhum resultado pratico ou consequencia prophylatica, espectáculo dantesco de

uma morbidade fatal e progressiva que amontoa gerações sobre gerações disformes e paralyticos, de cretinos e idiotas. (PEREIRA, 1922, p.193-195 *apud* SÁ, 2009, p.347-348)

O apelo de Miguel Pereira dialoga com uma declaração na “Camara illustre parlamentar” de um orador nascido no mesmo estado que se descobriu a doença de Chagas: Minas Gerais. Juntando as informações, a afirmação na Câmara sobre a convocação obrigatória dos “caboclos” para o exército é atribuída ao deputado federal Carlos Peixoto (SÁ, 2009). Agora, situados no contexto e nas discussões daquele ano, retomemos ao trecho da primeira pronúncia do dístico:

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene:
 – POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!
 Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continência diante da imagem de Santo Antônio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhãs por aí. (ANDRADE, 1988, p.69)

Como assinala Proença, “Santo Antônio é Capitão do Exército e recebeu patente em 1811 por haver prestado serviços de guerra.” (PROENÇA, 1978, p.172). A frase emblemática de Macunaíma, num momento de inspiração súbita, um verdadeiro insight, está inserida nesse embate político e científico: o país necessita, primeiramente, ser curado.

A publicação do livro de Belisário Penna, *Saneamento do Brasil* (1918), foi igualmente um marco na campanha sanitária pelo seu tom didático, ilustrativo e fundamentado na ciência. Os dados apresentados pelos higienistas eram alarmantes e o objetivo era uma consciência profilática:

Segundo calculos seus (dr. Penna) e de outros higienistas do Instituto Oswaldo Cruz, 70% da população interior é victima da opilação, 40% do impaludismo e 15% de molestia de Chagas, sem levar em conta a devastação de que em menos escala fazem a lepra, a ulcera de Baurú, o Irachoma, e, nas cidades, a variola, a tuberculose, a syphilis, as varias molestias do aparelho intestinal, que dão o mais alto coefficiente de mortalidade infantil. (BELLO, 1923, p.4-5)

O livro, além de informações sobre sintomas e precauções para a prevenção de doenças, contém imagens fortes das condições precárias da população registrada no relatório Neiva-Penna. Vou poupar o caro leitor das fotos, mas comentarei algumas figuras que ilustram o que desenvolvi até então neste capítulo.

Figura 1 – O contraste entre o trabalhador saudável e o opilado.



Fonte: (PENNA, 1923, p.233)

A imagem incentiva, numa perspectiva de interesse econômico, os empregadores estarem atentos à saúde dos trabalhadores. A menção sobre o “bom sangue” versus o “sangue opilado” se contrapõe a teoria do determinismo genético. O trabalhador saudável e mais loiro apresenta-se numa postura de disposição ao trabalho, e tem como legenda o valor de “5 opilados”. O outro, cabisbaixo e com rosto de lado, aparece encostado numa árvore e recebe a porcentagem de 50% de sangue opilado.

Figura 2 – A casa de Jeca Tatu.



Fonte: (PENNA, 1923, p.178)

Monteiro Lobato tinha criado seu personagem Jeca Tatu em 1914, um herdeiro de uma fazenda preguiçoso. Mas depois de ler a obra *Saneamento do Brasil*, juntou-se aos higienistas criando o Jeca Tatuzinho, que descobriu que, na verdade, sofria de amarelão.

Figura 3 – O problema nacional.



Fonte: (PENNA, 1923, p.8)

Por último, temos esta ilustração anexada às doenças listadas por Penna. Um trabalhador com uma enxada encostada na perna, com o rosto coberto pelas mãos em posição de prostração e preso por correntes de bolas de ferro, tendo cada uma o nome de uma doença descrita pelos médicos higienistas. Essas algemas serviam como castigo aos escravos para não se afastarem do local de trabalho. Ao fundo, há vultos pairando sobre o homem, como urubus sobre a carniça. O homem, com a enxada quase posta, dá a impressão de ter interrompido a atividade devido ao cansaço de carregar tanto peso. Impossibilitado de sair do espaço pelas correntes e cansado pelas moléstias, ele se senta num desespero de condenado.

3 MUITA SAÚVA

“Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.”

(BARRETO, 2017, p.107)

O personagem de Lima Barreto, Policarpo Quaresma, na convicção de que a terra brasileira “tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente” (BARRETO, 2017, p.17) caiu em decepção ao ver as saúvas devorarem o milharal de seu sítio. O leitor de *Macunaíma* é apresentado a várias taxionomias de formigas: formiga quenquém, formigas taiocas, formiga tracuá, formiga oncinha, formigas anaquilãs... O enredo é abundante nas enumerações de formigas e o Brasil é, de fato, um país de muitas formigas:

O Brasil detém a maior diversidade de formigas das Américas e uma das maiores do mundo. Da mesma forma, as coleções mirmecológicas brasileiras são as mais representativas da região Neotropical, tanto pelo número de espécimes-tipo quanto pela imensa quantidade de espécies nelas depositadas, provenientes de uma área geográfica consideravelmente extensa. (BACCARO *et al.*, 2015, p.18)

Mas a que ganhou destaque, tanto em *Policarpo Quaresma* quanto em *Macunaíma*, foi a saúva (*Atta sexdens*), que já foi chamada de assaúba, saúba, içá, processionária, carregadeira e hoje é popularmente conhecida como cortadeira. Esta espécie está distribuída em todo território brasileiro e são conhecidas por transportarem generosos pedaços de folhas, galhos, frutos para o ninho:

As formigas desse gênero causam consideráveis prejuízos econômicos, afetando a agricultura e a pecuária em diferentes regiões das Américas ao cortarem grandes quantidades de biomassa vegetal em áreas de pastagem, florestas e cultivos comerciais. (BACCARO *et al.*, 2015, p.212)

Ademais, o macho e a fêmea da saúva possuem nome diferenciado, e ambos aparecem em *Macunaíma*: o macho é “caxipara” e a fêmea “iça” ou “tanajura”. A diferenciação na nomenclatura provavelmente deve-se pelo fato de as fêmeas, “iça” ou “tanajura”, apresentarem a região abdominal mais volumosa, sendo essa gordura apreciada na culinária indígena. A cabeça é separada da parte posterior do corpo do inseto, e essa última serve de alimento. Há relatos desse hábito alimentar indígena nas primeiras crônicas brasileiras, como no Tratado descritivo do Brasil de 1587 de Gabriel Soares de Sousa, Viagem ao norte do Brasil (1613-1614) de Ivo D’Evreux e na Carta de São Vicente (1560) do padre Anchieta:

Para ver quando elas saem de suas cavernas ajuntam-se as aves, ajuntam-se os Índios, que ansiosamente esperam este tempo, tanto homens, como mulheres; deixam as suas casas, apressam-se, correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os frutos novos, aproximam-se das entradas dos formigueiros e enchem de agua os pequenos buracos que elas fazem, onde, estando, se defendem da raiva dos pais e apanham os filhos que saem das covas, e enchem os seus vasos, isto é, certas cabaças grandes, voltam para casa, assam-as em vasilhas de barro e comem-as; assim torradas, conservam-se por muitos dias, sem se corromperem. Quão delectável é esta comida e como é saudável, sabêmo-lo nós, que a provámos. (ANCHIETA, 1933, p.)

Deve ser daí que Andrade se inspirou na decapitação do inseto. Antes de a saúva aparecer nos dizeres do herói com a entoação de discurso patriótico, o inseto acompanhou sua infância:

Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. (ANDRADE, 1988, p.6)

A imagem do preguiçoso amputando a formiga contrasta com a figura metafórica do inseto como exímio trabalhador. A memória sobre a formiga nesse aspecto é antiga na nossa sociedade, remete à famosa fábula de Esopo, “A Cigarra e a Formiga”, que ouvimos alguma vez na vida. O francês Jean de La Fontaine publicou em 1668 a fábula no livro *Fable de La Fontaine*. A história é sobre a cigarra que passa o verão cantando enquanto as formigas trabalham. Ao chegar o frio, a cigarra vai até o formigueiro pedir abrigo. A formiga pergunta

à cigarra o que ela fazia no verão, ao responder que passou o verão cantando, a formiga termina a conversa dizendo: Agora dance! Monteiro Lobato também reaproveitou a história no livro *Fábulas* (1922) acrescentando generosidade à formiga, que acolheu a cigarra no dia de chuva ao invés de lhe negar abrigo.

Há ainda uma menção mais antiga da formiga como símbolo de diligência. No “Antigo Testamento”, a representação do inseto é aproveitada como exemplo pedagógico contra o ócio:

Ande, preguiçoso, olhe a formiga, observe os hábitos dela, e se torne sábio. Ela não tem chefe nem guia nem governante. Apesar disso, no verão ela prepara seu alimento e reúne sua comida durante a colheita. Até quando você vai continuar dormindo, preguiçoso? Quando é que vai se levantar da cama? Um pouco você dorme, outro pouco você cochila; e mais um pouco ainda, cruza os braços para descansar. Então cairá sobre você a pobreza do vagabundo, e a indignância como homem armado o atacará. (BÍBLIA, Provérbios 6:6-11, 2014)

A maneira de ser do nosso herói se contrapõe ao molde do texto judaico-cristão e com a citada fábula de Esopo: a preguiça dele se sobrepõe ao arquétipo da formiga. No entanto, a saúva mutilada pelo herói na primeira página perpassa o enredo até o penúltimo parágrafo, no qual ocupa o espaço dos restos da tribo tapamunhas: “A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruína minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu (...)” (ANDRADE, 1988, p.168). Ao fim o herói se foi e a saúva ficou.

A inspiração de Andrade para o segundo fragmento do dístico é comumente atribuída pelos críticos à Saint-Hilaire¹⁴ na frase “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil” (PROENÇA, 1978, p.23; SOUZA, E. M. de, 1999, p.104; Souza, G. de M. 2003, p.52).

Visto que a primeira parte do dístico foi inspirada na frase de Miguel Pereira, que sintetiza o discurso médico-sanitário no início do século XX (discorrido no capítulo anterior), esta segunda relatada por Saint-Hilaire concentra as impressões dos cronistas em relação ao prejuízo que as saúvas causavam nas plantações entre o século XVI e início do XIX. Desta maneira, comentarei alguns trechos de documentos do período do Brasil Colonial sobre a formiga tão odiada por séculos.

¹⁴ Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853): botânico francês veio para o Brasil realizar pesquisas em 1816 até 1822.

3.1 O PAÍS DAS FORMIGAS

Desde a chegada dos europeus às terras brasileiras, uma série de textos começaram a ser escritos: são as descrições dos viajantes para aqueles que estavam no outro lado do mar a fim de saciar o mistério sobre a terra desconhecida e informar a corte sobre o andamento das missões exploradoras.

O primeiro a mencionar sobre as formigas foi o padre Manuel da Nóbrega¹⁵, numa carta datada em 1549, intitulada “Informação das terras do Brasil”, e elogios que não foram. No segundo parágrafo elas aparecem:

Ha nella diversas fructas, que comem os da terra, ainda que não são tão boas como as de lá, as quaes também creio se dariam cá, si se plantassem, porque vejo que se dão uvas, e ainda duas vezes no anno, porém são poucas por causa das formigas, que fazem muito damno, assim nisto como em outras coisas. (NÓBREGA, 1931, p.97-98)

O padre Ambrósio Pires¹⁶, numa carta assinada em 1555 em Salvador relata a capacidade de destruição das formigas comparando-as com o serviço e esforço dos homens: “principalmente porque dão cabo em uma noite do que custa muitos dias a muitos homens, cousa que só se acredita vendo; não se faz uma horta que não fique logo perdida.” (CARTAS JESUÍTICAS II, 1931, p.142). Apesar de os padres não citarem o nome da formiga, pela voracidade dos danos eu, como palpite, diria se tratar da saúva.

A distinção entre a saúva e as restantes aparece pela primeira vez em uma carta do padre Anchieta¹⁷ (1560), com o nome “içá”:

Seria muito difícil representar por palavras as diversas espécies de formigas, das quais há várias naturezas e nomes, o que di-lo-ei de passagem, é muito usual na língua brasílica, por isso que dão diversos nomes ás diversas especies e raras vezes os gêneros são conhecidos por uma denominação própria; assim, não ha nome genérico da formiga, do caranguejo, do rato e de muitos outros animais; das espécies, porém, que são quase infinitas, nenhuma deixa de ter o seu nome proprio, de maneira que com razão te admirarias de tão grande cópia e variedade de palavras. No entanto, das formigas só parecem dignas de comemoração as que destroem as árvores; estas chamadas içá; são um tanto ruivas, trituradas cheiram a limão; cavam para si grandes casas debaixo da terra. (ANCHIETA, 1933, p.121-122)

¹⁵ Manuel da Nóbrega (1517-1570): foi um padre jesuíta que liderou a primeira missão jesuítica no Brasil.

¹⁶ Ambrósio Pires (1525-1568): foi um padre jesuíta que faz parte da terceira expedição de missionário para o Brasil colonial em 1553. Entre eles também estava José de Anchieta.

¹⁷ José de Anchieta (1534-1597): foi um padre jesuíta de origem espanhola. Ele é o autor da primeira gramática da língua tupi entre outros textos considerados os primeiros de literatura brasileira.

A comemoração que Anchieta se refere é a caça da formiga para alimento. Sobre os nomes específicos, esse traço também está em *Macunaíma*: a coleção de formigas percorre, assim como as terras brasileiras, a leitura da rapsódia.

Gabriel Soares de Sousa¹⁸, no *Tratado descritivo do Brasil de 1587*, é o primeiro que escreve sobre a capacidade destrutiva de plantio da saúva e já declarava no primeiro século de colonização que o inseto é a praga do Brasil:

Muito havia que dizer das formigas do Brazil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se podera fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais damno fazem na terra, a que o gentio chama assaúba, que é a praga do Brazil, as quaes são como as grandes do Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças da mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras. (...) o que esta maldição impede de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo sem o que não podem viver na terra. (SOUSA, 1851, p.271-272)

Na primeira metade do século XVII foi publicado o livro *Historia Naturalis Brasiliae* em latim por George Marcgrave¹⁹ e Guilherme Piso, um livro raríssimo hoje. A obra foi “a fonte de conhecimento por excelência sobre centenas de animais e plantas brasileiras” (FRANÇOSO, 2010, p.1) até a publicação de *Reise in Brasilien* de Spix e Martius²⁰, em 1823.

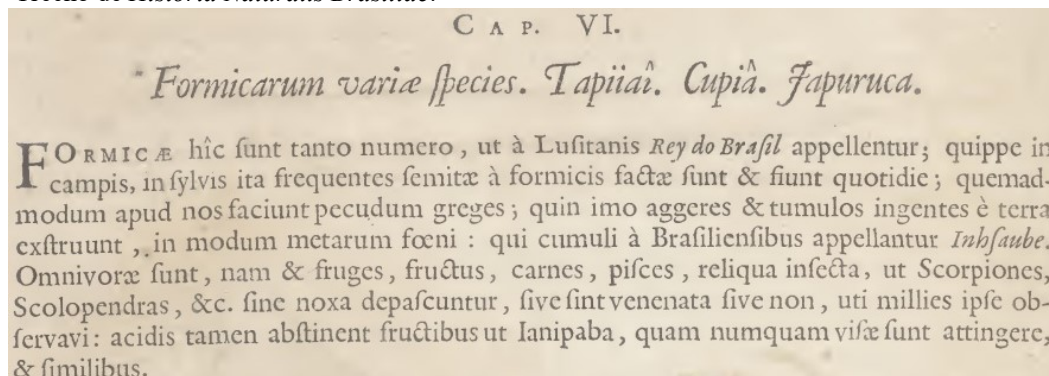
¹⁸Gabriel Soares de Sousa (ca. 1540-1591): colono português, chegou no Brasil em 1569. A obra foi originalmente escrita no formato de duas crônicas. Em 1587 foi entregue a coroa ibérica por intermédio de D. Cristóvão de Moura, solicitando recursos para prosseguir com a exploração da colônia. Apesar de a obra ser composta no início do século XVI, ela só foi publicada 250 anos posteriormente.

¹⁹ George Marcgrave (1610-1644): foi um naturalista alemão. Juntamente com Guilherme Piso (1611-1678), estiveram no território brasileiro para estudos científicos.

²⁰Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Os dois pesquisadores alemães estiveram no Brasil (1817-1820) realizando pesquisas conjuntas.

Ao discorrer sobre os insetos brasileiros, Marcgrave apresenta a formiga nestas linhas:

Figura 4 – Trecho de *Historia Naturalis Brasiliae*.



Fonte: Marcgrave, G. *Historia Naturalis Brasiliae*. 1648, p.252.

“As formigas aqui são tão numerosas que são chamadas pelos portugueses de *Rei do Brasil*; de fato, nas planícies e nas florestas, são frequentes os ninhos de formigas (...)”²¹ (MARCGRAVE, 1648, p.252, tradução nossa). O autor continua a descrição sobre a nomeação brasileira para os ninhos de formigas, *Inhsaube*, e sobre o hábito dos indígenas de se alimentarem daquele inseto. Provavelmente o autor refere-se a saúva.

No início do século XIX, Spix e Martius, durante a estadia na Bahia, escreveram: “São principalmente as formigas que, às vezes, em poucas horas, devastam as mais belas plantações.” (SPIX; MARTIUS, p.220, v.2). Caldcleugh²² também indica a fama das formigas nas terras brasileiras:

Sempre foi dito pelos portugueses que a formiga era a habitante do Brasil, e é preciso confessar que há alguma verdade nessa sátira: elas existem de todos os tamanhos e cores, e várias cidades foram tão minadas por elas, que quase ruíram. (CALDCLEUGH, 1825, p.41, tradução minha)²³

²¹ A tradução do latim é minha. Segue o trecho original: “Formicae hic sunt tanto numero, ut a Lusitanis Rey do Brasil appellantur; quippe in campis, in sylvis ita frequentes femitae a formicis factae sunt & fiunt quotidie”

²² Alexander Caldcleugh (1795-1858): nasceu em Londres. Esteve na América do Sul em 1819 até 1821.

²³ “It was always said by the Portuguese, that the ant was the inhabitant of Brazil, and it must be confessed there is some truth in the satire: they exist of all sizes and colours, and several towns have been so undermined by them, that they have nearly fallen in.”

Ainda no início do século XIX, Saint-Hilaire²⁴, em sua segunda viagem ao interior do Brasil, ressalta: “Uma noite só, basta-lhes para destruírem, inteiramente, campos vastos desta última planta (mandioca), ou para despojar as laranjeiras de suas folhas” (SAINT-HILAIRE, 1936, p.26). A frase atribuída a Saint-Hilaire “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil”, não está escrita em seus relatos. Há, inclusive, quem duvide de que a frase realmente seja do explorador francês²⁵. Independente da veracidade da autoria, o importante é que ela prevaleceu no coletivo e teve repercussão durante o século XX no combate às saúvas, como apresentarei a seguir.

3.2 AS SAÚVAS ENTRE O SÉCULO XIX E XX

O espanto dos viajantes e colonizadores sobre a abundância de formigas e a devastação da saúva no Brasil se notabilizou no exterior. As frases que se referem a elas como “Rei do Brasil”, “Habitantes do Brasil”, e “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil” exprimem a reputação da natureza exótica brasileira.

A criatividade dos agricultores foi ampla para a contenção dos danos. Antes da aparição dos formicidas, diversos métodos, um tanto engenhosos, foram utilizados. Entre eles podemos citar, por ordem de aparição na literatura: disponibilizar alimento para as saúvas a fim de poupar as hortas²⁶, barreiras de água²⁷, queima e pisoteamento²⁸, fumigação²⁹ e a introdução de outra espécie de formiga³⁰, como a cuiabana (*Nylanderia fulva*), que

²⁴ Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853): assim como Spix e Martius, Saint-Hilaire veio para o Brasil realizar pesquisas no período que a corte portuguesa permaneceu na colônia (1808-1821).

²⁵ O agrônomo e ecologista brasileiro José Antonio Lutzenberger (1926-2002): “Talvez seja difícil determinar quem foi o autor da frase: Ou o Brasil acaba com a Saúva ou a Saúva acaba com o Brasil.” (LUTZENBERGER, 1988).

Professor Francisco A. M. Mariconi do departamento de zoologia da USP: “Saint’Hilaire, que percorreu o interior do Brasil, de 1816 a 1822, costuma-se dizer que deixou a seguinte frase ‘Ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil’. Há dúvidas de que essa frase seja de Saint’Hilaire. (MARICONI, 1979, p.2)

²⁶ “Ha aqui infinito numero de formigas, que tem na bocca umas como tenazes, com as quaes talam todo o plantio e, o que é peor, fal-o murchar; e assim os lavradores se arremedeiam dando-lhes comida para que não estraguem a tudo (...)”. Carta do padre Ambósio Pires de 1555 (CARTAS JESUÍTICAS II, 1931, p.142).

²⁷ “com as quaes arvores tem as formigas grande guerra, e não se defendem dellas senão com testos de água ao pé que fica no meio”. (SOUSA, 1851, p.155)

²⁸ “buscam-lhe os formigueiros donde as arrancam com enchadas e as queimam; outros costumam ás tardes, antes que se recolham, pizarem a terra dos olhos dos formigueiros com picões muito bem (...)”. (SOUSA, 1851, p. 163)

²⁹ “methodo das panellas velhas e furadas que se enterrão por cima das entradas das galerias, e dentro das quaes o fogo e ingredientes para dar fumação vão de mistura, applicando ao furo o folle para excitar o fogo (...)”. (TAUNAY, 1839, p.105)

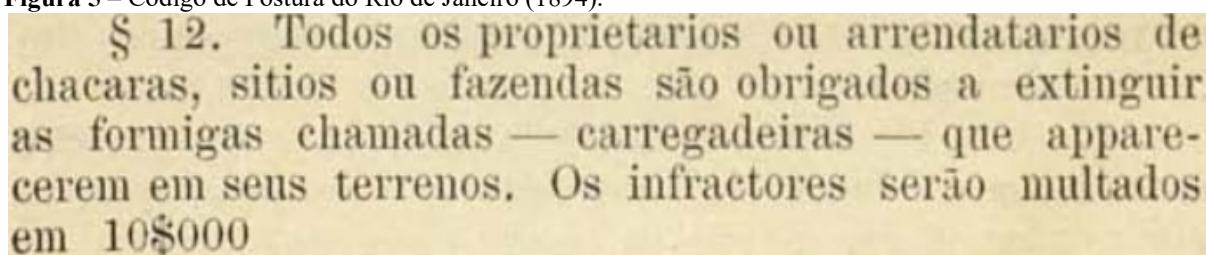
³⁰ “Os camponezes, tendo observado que havia huma casta de formigas (...) que faz crua guerra ás carregadeiras e as devora, forão-na buscar nas mattas, e trazendo ás suas roças (...)”. (TAUNAY, 1839, p.106)

supostamente se alimentava das saúvas. As carregadeiras, de fato, provocaram muita criatividade. Os métodos de contenção foram, ao passar dos anos, se demonstrando cada vez mais ineficientes: os pequenos seres obstinados importunavam os lavradores.

Taes e tão repetidos ataques tem certamente promovido hum rancor e hum insaciável desejo de vingança na nossa população agrícola, que persegue este damninho monstro com ferro, fogo e veneno. Porém he combate de leão contra mosquito. Embora o homem destrua nesta guerra de exterminação milhões de seus inimigos, elles acodem em massas ainda mais numerosas. (TAUNAY, 1839, p.104)

Ademais, as Câmeras Municipais alocavam recursos para execução de “retiradas de formigueiros” (SILVA, 2019, p.286) e adotavam medidas legais respaldados nos artigos do Código de Posturas:

Figura 5 – Código de Postura do Rio de Janeiro (1894).



§ 12. Todos os proprietarios ou arrendatarios de chacaras, sitios ou fazendas são obrigados a extinguir as formigas chamadas — carregadeiras — que apparecerem em seus terrenos. Os infractores serão multados em 10\$000

Fonte: Codigo de posturas do Districto Federal.³¹

A questão era: como exterminar as saúvas? A indústria é impulsionada pelas necessidades sócio-econômicas, e a alta demanda por soluções nessa batalha agrícola é evidente na veiculação de anúncios nos jornais da época. A divulgação de produtos formicidas nos jornais espelha a busca dos consumidores para um desfecho feliz.

A saúva era a grande inimiga que roubava o sustento do agricultor. O tom do discurso sobre os danos da formiga tem seu ápice furioso no século XX: o inseto assalta, saqueia, ataca, invade, é provido de crueldade em suas terríveis destruições no sustento das famílias brasileiras. São muitos os anúncios de formicidas prometendo vingança aos animaizinhos importunos. Separei alguns recorrentes em jornais importantes da época: O Estado de São Paulo, Jornal do Commercio (RJ), A Gazeta (SP) entre os anos de 1900 e 1935 (data da segunda publicação de *Macunaíma*) para ilustrar a tensão bélica presente nos discursos publicitários.

³¹ Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/224185>>. Acesso em: 16 de out. de 2022.

Figura 6 – Anúncio de formicida I.

PREÇO AVULSO
300
RÉIS

AS PÓ

ESPECIALIDADE DA CASA SELECTA

MORTE A'S SAÚVAS

É a formiga saúva a maior praga da lavoura. Pois bem, só não se livrará della quem não quizer, e com uma despesa insignificante. O emprego do ingrediente **MORTE A'S SAÚVAS**, de J. Kiler, é infallível e de preço baratíssimo. Emprega-se em qualquer aparelho que tenha um fogareiro e um folle qualquer, devendo-se preferir a **MACHINA KILLER**, que é a mais barata, mais sólida, mais simples de manejar, mais portátil e sem o mínimo perigo para quem a faz funcionar, visto ter o folle um metro e meio distante do fogareiro, e custa em S. Paulo, Rio de Janeiro e Campinas 75000 réis cada uma.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 22 de novembro de 1905, p. 5. Acervo – Estadão.³²

Figura 7 – Anúncio de formicida II.

MACHINA "SETE-QUEDAS"
e Ingrediente "Lidgerwood"
PARA MATAR FORMIGAS
O extermínio effectivo da Saúva

Um dos maiores, senão mesmo o maior flagello da lavoura, é incontestavelmente a formiga saúva, que ataca vorazmente todas as plantas, da menor á maior, annihilando-as por completo, quando a tempo e efficientemente se não combate a sua acção damnhinha.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ), 13 de junho de 1920, p. 22. Acervo – Hemeroteca Digital Brasileira.³³

Figura 8 – Anúncio de formicida III.

GAZ DE GUERRA
WAR-GAZ
FORMICIDA ASPHYXIANTE

Invento do Dr. William T. H. Pallister, Medico e Capitão do Exército Norte-Americano, achando-se á venda em caixas de 4 garrafas de 4 litros.

Este preparado não tem rival, exceto a todas as formicidas. O seu effecto é effizaz e é a unica que extermina por completo as saúvas, sem emprego de machinas, e é a mais economica.

Basta derramar um pouco do liquido nos olheiros e cobrir com terra.

Não é inflamavel nem explosivo. Todas as pessoas que necessitam de Formicida devem experimentar esta marca, e assim verão confirmada o que vimos dizendo.

CAIXA POSTAL N. 624
RUA DA QUITANDA N. 2 — S. PAULO
PALLISTER & Cia.

(16jul.)

Fonte: A Gazeta (SP), 12 de junho de 1920, p.4. Acervo – Hemeroteca Digital Brasileira.³⁴

³² Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19051122-9850-nac-0005-999-5-not>>. Acesso em: 26 de set. de 2022.

³³ Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pagfis=46958>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

Figura 9 – Anúncio de formicida IV.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 17 de outubro de 1928, p. 1. Acervo – Estadão³⁵

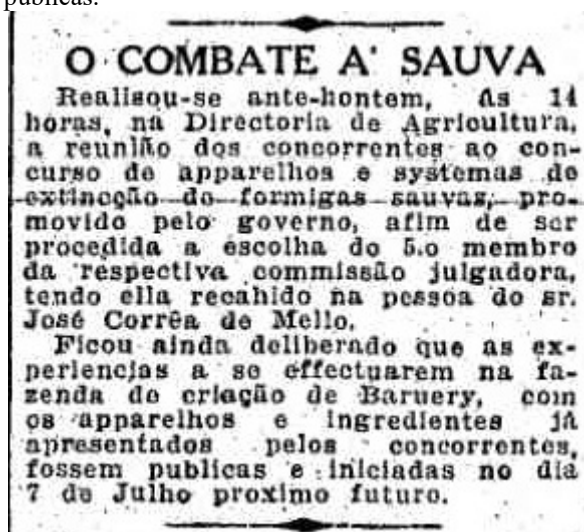
O produto da Figura 6 cujo nome é “Morte às saúvas” promete ser “infalível” e “baratíssimo”. A primeira frase sobre a descrição do produto afirma: “É a formiga saúva a maior praga da lavoura”. A “Machina Sete-Quedas” da Figura 7 também descreve a saúva como o grande empecilho do agricultor e assegura o “exterminio effectivo”, “ann’quilando-as por completo”. O formicida “Gaz de Guerra” da Figura 8 é o que mais reflete o sentimento de combate, atribuindo uma significação totalmente bélica. A invenção é patenteada por um “Capitão do Exército Norte-Americano” e promete “exterminar por completo” o “rival”. Os homens, definitivamente, declararam um intenso conflito “armado” contra o inseto. O “Saúvicida Agápêama” da Figura 9 ocupou a primeira página inteira do Estado de São Paulo, com vários testemunhos ao seu redor atestando a eficácia do produto: “mataram totalmente as saúvas nos seus mais profundos esconderijos”.

A concorrência e o compromisso de eliminação da praga eram muitos. Para facilitar a escolha de um formicida adequado, era comum os jornais comunicarem concursos de extinção contra os formigueiros e os respectivos vencedores.

³⁴ Disponível em: < <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&pagfis=12800>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

³⁵ Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19281017-18059-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

Figura 10 – Demonstrações públicas.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 11 de junho de 1919, p. 5. Acervo – Estadão.³⁶

O anúncio da Figura 9, por exemplo, utiliza da premiação como propaganda: “medalha de ouro da Exposição do Café”.

A investigação nos anúncios dos jornais mais influentes na sociedade nas primeiras décadas do século XX revela o destaque do empreendimento formicida representando, portanto, que as saúvas eram um mal não apenas nas crônicas dos viajantes e na época da vinda de Saint-Hilaire, início do século XIX, mas também nos anos que Mário de Andrade escreveu *Macunaíma*.

O assunto agrícola tomou dimensão política devido às consequências econômicas que o inseto gerava. A dimensão da praga não era casual ou pontual: era uma calamidade. O auge dessa amplitude nacional fica explícita na campanha de 1935, quando o Ministro da Agricultura declara, oficialmente, guerra nacional contra o inseto.

³⁶ Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19190611-14769-nac-0005-999-5-not>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

Figura 11 – Campanha nacional contra a saúva.

O actual Ministro da Agricultura, homem novo e activo, trouxe, depois do programma do credito agricola — o maximo dos ideaes — o combate á saúva.
Mas isso não é um plano apenas para Santa Thereza, no Estado do Rio, ou para Pomba, Minas — é um plano vasto — nacional. Parece ter S. Ex., impetos ardentes de glosar a celebre phrase de Saint Hilaire: ou o Brasil mata a saúva, ou a saúva mata o Brasil.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ), 18 de janeiro de 1935, p.6. Acervo – Hemeroteca Digital Brasileira.³⁷

Durante o governo de Getúlio Vargas, o Dr. Odilon Duarte Braga assumiu o posto de Ministro da Agricultura entre 1934 e 1937. O anúncio acima é uma introdução sobre o novo Ministro da Agricultura e a apresentação da Campanha Nacional utilizando a frase de Saint Hilaire: “ou o Brasil mata a saúva, ou a saúva mata o Brasil.”

Numa “preleção feita pelo Sr. Hildebrando Gomes Barreto” encontramos o seguinte trecho ilustrativo:

Figura 12 – Campanha nacional contra a saúva II.

O GIGANTE E A FORMIGA — Não é fábula é facto. O combate entre o Brasil e a saúva. Quem vencerá?
Nós, amados ouvintes. O Sr. Dr. Odilon Braga Ministro dos Agricultores, chefia o ataque á saúva, flagello mór da lavoura do Brasil.
O plano contra o insecto destruidor e intelligentissimo, delneado com applausos geraes pede o concurso geral, na denuncia do foco e na extincção commum.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ), 12 de fevereiro de 1935, p.8. Acervo – Hemeroteca Digital Brasileira.³⁸

O título, “O Gigante e a Formiga”, apresenta um antagonismo na estatura entre o Brasil e o inseto. Os pequenos inimigos são definidos como espertos e maliciosos, justificativa, talvez, para os seguidos fracassos na contenção da praga e consequente

³⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&pagfis=34428>. Acesso em 12 de out. de 2022.

³⁸ Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pagfis=34846>. Acesso em 12 de out. de 2022.

esmorecimento dos agricultores. O texto continua semeando a ideia de uma “cultura da morte contra a saúva que organizou a morte das culturas”.

Em suma os jornais, representam não apenas notícias e publicidades sobre a caça às saúvas. Eles são também a expressão pública sobre a fadiga do homem que planta e a apresentação de um retrato da carregadeira perspicaz, organizada, cruel e destruidora de culturas. Quem diria que as carregadeiras, durante anos a fio, deram tanto trabalho ao “Gigante”?

4 OS MALES DO BRASIL SÃO

Dos filhos deste solo

És mãe gentil,

Pátria amada,

Brasil!

(Hino Nacional Brasileiro)

A rapsódia possui dois emblemas que perpassam a obra: “Ai! que preguiça!..” e “Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são!”. O primeiro o herói exprime naturalmente desde criança, o segundo, mais arrojado, surge num momento patriótico específico. Enquanto o primeiro dístico é proferido num movimento de contração (o ócio), o outro é exclamado num gesto de expansão. A frase relampejou na mente do herói como um insight, a idéia veio-lhe à mente e ele imediatamente a declamou.

O lema do nosso herói, “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!” revela as desventuras da nação brasileira. Tal imagem, do povo doente e com dificuldades de plantio, é antagônica e pessimista comparada à imagem da pátria “mãe gentil” dos “filhos deste solo”, desenhada no Hino Nacional. O problema brasileiro é compreendido e sintetizado: os males são. Pela lógica, a inversão desses elementos é a solução para a condição reprovável: muita saúde e pouca saúva.

Além da referência de Miguel Pereira (O Brasil é ainda um imenso hospital) e Saint-Hilaire (Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil) ao dístico, Haroldo de Campos assinala como fundamento uma quadra exposta no livro *Retrato do Brasil* de Paulo Prado. Relembremos também que a obra *Macunaíma* é dedicada a Paulo Prado. Segue a transcrição do trecho com a quadra:

População sem nome, exausta pela verminose, pelo impaludismo e pela syphilis, tocando dois ou tres kilometros quadrados a cada individuo, sem nenhum ou pouco apego ao solo nutridor; paiz pobre sem o auxilio humano, ou arruinado pela exploração apressada, tumultuaria e incompetente de suas riquezas mineraes; cultura agricola e pastoril limitada e atrazada, não suspeitando das formidaveis possibilidades das suas aguas, das suas mattas, dos seus campos e praias; povoadores mestiçados, sumindo-se o índio deante do europeu e do negro, para a tyrannia nos centros littoraneos do mulato e da mulata; clima amollecedor de energias, proprio para a ‘vida de balanço;’ hipertrophia do patriotismo indolente que se contentava em admirar as bellezas naturaes, ‘as mais extraordinárias do mundo,’

como se fossem obras do homem; ao lado de um entusiasmo fácil, denegrimiento desanimado e estéril:

‘São desgraças do Brasil:
Um patriotismo fôfo,
Leis com parolas, preguiça,
Ferrugem, formiga e mofo’ (PRADO, 1931, p.153-154)

O leitor atento a este trabalho deve ter logo percebido que o trecho acima se relaciona com o discurso higienista.

Há ainda uma nota na edição crítica de *Macunaíma* (1988) organizada por Telê Porto Ancona Lopez que faz mais uma referência ao dístico com Gregório de Matos:

É o crítico José Aderaldo Castello quem aponta como matriz o refrão ‘Milagres do Brasil são.’ do 5º ‘Epigrama’ de título homônimo do mestre satírico baiano. A antífrase ‘Milagres do Brasil são.’, ironia que arremata cada uma das estrofes duramente sarcásticas, é aqui transformada na declaração direta e satírica, reforçada pelo ponto final. (LOPEZ *In* ANDRADE, 1988, p.83)

Neste ponto, agrupando as percepções dos críticos (LOPEZ, 1988; CAMPO, 1973; SOUZA, G. de M. e, 2003; SOUZA, E. M. de 1999) sobre as possíveis fontes do dístico, Mário de Andrade teria se apropriado de quatro textos: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil” de Saint-Hilaire, “o Brasil ainda é um imenso hospital” de Miguel Pereira, a quadra popular escrita em *Retrato do Brasil* por Paulo Prado, e o epigrama de “Milagres do Brasil são” de Gregório de Matos.

Ao discorrer o dístico neste trabalho, contemplamos o processo de composição de Mário de Andrade em *Macunaíma*: “(...) duas normas de compor estruturam o texto de Mário de Andrade: o processo acumulativo da *suíte* e a forma estilística da *variação*.” (ANTELO, 1988, p.258). A ideia não é “por ordem” ou procurar uma lei que acerte nesses vários encontros que foram apropriados por Andrade. Mas sim contemplar as harmonias desses encontros que constituem a sua obra-prima.

5 CONCLUSÃO

De modo espirituoso, despreocupado, embrenhado de lendas e costumes brasileiros, nasceu o “herói de nossa gente” nas mãos de Mário de Andrade. Neste trabalho aceitei o desafio pessoal de imergir na crítica de Mario de Andrade tendo como foco a análise de uma única frase: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!”. E quanta coisa há!

Um refrão do nosso herói rendeu páginas de pesquisa. Isso atesta a complexidade no processo de composição de *Macunaíma*, que tão bem arranjado, não transparece facilmente as origens de sua composição.

Enquanto lia e desenvolvia este trabalho, encontrei alguns pontos interessantes para desenvolver nas próximas pesquisas:

- a) Existem semelhanças interessantes entre a obra *Jeca Tatuzinho* (1924) de Monteiro Lobato e *Macunaíma*. No enredo de Monteiro Lobato, Jeca Tatu, o protagonista, era chamado pelos passeantes de “grandessíssimo preguiçoso” e se negava a cuidar do sítio pois “a formiga come tudo...”
- b) No capítulo XIII (A PIOLHENTA DO JIGUÊ) Macunaíma contrai erisipela, então ele passa um bom tempo lendo os anúncios no jornal o Estado de São Paulo. Se Mario de Andrade “copiou o Brasil”, como ele escreveu na carta à Raimundo Moraes, e o herói foi ler os jornais enquanto estava acamado, acredito que há relações interessantes que possamos encontrar investigando os jornais da época.
- c) As saúvas são utilizadas como figuras metafóricas em discursos atuais sobre corrupção, inclusive utilizando como bordão a frase de Saint-Hilaire: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil”. Parece-me interessante fazer uma aproximação da frase de *Macunaíma* no século XXI, reinterpretando esses dois males: a pandemia (pouca saúde) e a corrupção (muita saúva).

Assim, como escrevi no início citando Calvino, *Macunaíma* sempre terá algo para nos dizer e nos fazer rir, pois é o clássico da literatura moderna brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, Padre Joseph de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Brasília: CNPq, 1988.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Chapecó, SC: Ed. UFFS, 2019.
- AZEVEDO, Gabriela Soares de. **Leituras, notas, impressões e revelações do Tratado Descritivo do Brasil em 1587 de Gabriel Soares de Sousa**. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BACCARO, Fabricio B. *et al.* **Guia para os gêneros de formigas do Brasil**. Manaus: Editora INPA, 2015.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Brasília: Edições Câmara, 2017.
- BELLO, José Maria. Um problema nacional. *In*: PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**: sanear o brasil é povoal-o; é enriquecel-o; é moralisa-o. 2. ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1923. p.3-5.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. A Uiara enganosa. *In*: BERRIEL, C. E. O. (org.) **Mário de Andrade Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990, p.133-177.
- BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia pastoral**. Revisão de José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2014.
- BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. **Vendendo Saúde**: a história da propaganda de medicamentos no Brasil. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.
- CALDCLEUGH, Alexander. **Travels in South America**: during the years 1819, 1820, 1821 containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres and Chile. Londres: Murray, 1825.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Nilson Moulin.
- CARTAS JESUÍTICAS II. **Cartas Avulsas (1550-1568)**. Publicação da Academia Brasileira, Coleção “Afrânio Peixoto”. Notas de Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. *In*: CUNHA, M. C. da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.9-24.

DUARTE, Carolina Damasceno; VALLE NETO, Júlio de Souza; GAIOTTO DE MORAES, Ricardo. DOSSIÊ TEMÁTICO: Escrevendo a leitura, no ensino e na ficção: produzindo fontes, apropriando-se de narrativas. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 6, p.1-8. 2020.

FRANCO, Antônio. Vida de Nóbrega. In: NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil 1549-1560**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931. p.25-69.

FRANÇOZO, Mariana. Alguns comentários à Historia Naturalis Brasiliae. **Cadernos de Etnolinguística**, v. 2, n. 1, p. 1-7, fev. 2010.

FORTI, Tova. **Animal imagery in the book of Proverbs**. Boston: Brill, 2008.

GAIOTTO DE MORAES, Ricardo. Macunaíma: estranhamentos e identificações. **Kyrial**, Campinas, p.8-10, 15 nov. 2016.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 313-332, 2000.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma: a margem e o texto**. São Paulo: Hucitec, 1974.

LUTZENBERGER, José Antônio. **Ou o Brasil acaba com a saúva ou...?** 1988. Especial para a EDITORA ABRIL. Disponível em: <https://www.fgaia.org.br/texts/brasil.html>. Acesso em: 3 nov. 2022.

LUZ, Milton. **A história dos símbolos nacionais**. Brasília: Senado Federal, 2005.

MARCGRAVE, Georg. **Historiae rerum naturalium Brasiliae: libri octo**. Lugdun: Batavorum: Apud Franciscum Hackium; Et Amstelodami: Apud Lud. Elzevirium, 1648. Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=35>. Acesso em: 01 out. 2021.

MARICONI, Francisco A. M. As saúvas. **Circular Técnica Ipef**, São Paulo, v. 77, p.1-7, 1979. Disponível em: <https://www.ipef.br/publicacoes/ctecnica/nr077.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2022.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus Tupi-Guaranis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950. Tradução de Estevão Pinto.

MIRANDA, Bruna Baldini de. **A trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa**. 2015. 340 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 8, n. 3, p. 74-224, 1916.

NÓBREGA, Manuel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**: sanear o brasil é povoal-o; é enriquecel-o; é moralisa-o. 2. ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1923. Disponível em: <<https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=235>>. Acesso em: 19 de out. de 2022.

PEREIRA, João Gualberto. **Incontaveis reflexões, que hum Portuguez Europeo offeresse aos sentimentais Brasileiros sobre os seus intereses a face do presente**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1822. 4 p. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1511>>. Acesso em: 25 out. 2022.

PINHO, Leandro Garcia. A imagética jesuítica em zona de contato: textos jesuíticos sobre a flora e a fauna brasileiras no século XVI. **Locus** (UFJF), v. 17, p. 189-215, 2011.

PONTE, Carlos Fidelis; LIMA, Nísia Trindade; KROPF, Simone Petraglia. O sanitarismo (re)descobre o Brasil. In: Reis, José Roberto; Velasques, Muza Clara (Org.). **Cantos, contos e imagens**: puxando mais uns fios nessa história. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p.73-110. 2010.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1931.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

RIO DE JANEIRO. **Código de posturas**: leis, decretos, editaes e resoluções da intendência municipal do Districto Federal. Rio de Janeiro: Typ. Mont'alverne. 1894. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/224185>>. Acesso em: 16 de out. de 2022.

SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem ao interior do Brasil**: Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1936. Tradução de Carlos Madeira.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados. Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SIGERIST, Henry E. **Civilization and disease**. Ithaka, New York: Cornell University Press, 1945.

SIGERIST, Henry. Johann Peter Frank: un pionero de la medicina social. **Salud Colectiva**, v. 2, n. 3, p. 269-279, 4 dez. 2006. Universidad Nacional de Lanus. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/scol/v2n3/v2n3a05.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

SILVA, Valéria Mara da. O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935. **Cadernos Pesquisa Cdhis**, Uberlândia, v.23, n.2, jul./dez. 2010, p.563-580. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/7682>. Acesso em: 3 out. 2022.

SILVA, Valéria Mara da. Como exterminar saúvas: lições sobre uma praga nos reclames de formicidas. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, Ilhéus, v. 18, n. 33, p. 285-306, 10 dez. 2019. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2579>. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>. Acesso em: 28 set. 2021

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do agricultor brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Imperial, 1839.

VON SPIX, Johann Baptist; MARTIUS, Carl Friedrich. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Brasília: Senado Federal, 2017. 2 v. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer.